



# O CONFLITUOSO CINTURÃO DO SAHEL

Jéssica Tauane dos Santos

Caroline Feire de Aquino

Felipe Ernica Almeida de Cerqueira Cesar

Maria Julia Pantano

Rafaella Fiel Nascimento Santos<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

Após os processos de independência as nações africanas encontraram-se sob um vácuo de poder, ao mesmo tempo que a heterogeneidade social dos países apontou diversos personagens na disputa pelo comando. As ocupações desses postos permanecem concentradas nas mãos das figuras que detém mais poder social e maior influência até os dias de hoje, desenvolvendo regimes não democráticos caracterizados pela administração parcial de territórios. Isso confere uma estagnação e até mesmo um retrocesso na prosperidade das nações, prejudicando suas populações.<sup>2</sup>

Assim como o restante da África, o Sahel é uma área extremamente complexa, reunindo diversas culturas e etnias, além de ser amplamente marcada por seu processo histórico

de colonização e independência. A presença de comunidades nômades, além de uma população com uma grande diversidade religiosa, contribui para a criação de um cenário heterogêneo onde a descentralização política é marcante, como no caso do Mali, onde essa descentralização acarretou numa perda do controle de seu território ao norte para grupos de tuaregues que voltaram da Líbia após a queda de Muammar al-Gaddafi. Devido a esse vácuo de poder do Estado sobre essas comunidades, a falta de representação política das mesmas e a insatisfação com o status e qualidade de vida, cria-se o cenário perfeito para o surgimento de grupos rebeldes, de orientação religiosa fundamentalista, acarretando assim no desencadeamento de novos conflitos internos. Como veremos, esse contexto estimulou o surgimento grupo G5 Sahel que engloba essas diversas características regionais e busca uma

solução conjunta de apoio mútuo entre os países.<sup>3</sup>

## O SAHEL

O Sahel é uma faixa de transição, localizada no continente africano, que separa o Deserto do Saara e a região das savanas. Sahel vem do termo árabe *sahil*, que significa costa, tratando-se de uma região semiárida que se estende da Mauritânia ao Sudão, compreendendo partes do Senegal, Mali, Burkina Fasso, Argélia, Níger, Nigéria, Chade, Camarões, Sudão do Sul, Etiópia e Eritreia. Além de ser uma faixa de transição geográfica, o Sahel também divide o Norte da África, majoritariamente árabe, e a África Subsaariana, constituindo, portanto, uma região com imensa diversidade étnica e religiosa.<sup>4</sup>

Os países que compõem o Sahel estão entre os que possuem os mais baixos

Mapa - O Sahel<sup>5</sup>

indicadores sociais do mundo, apesar de possuírem uma vasta riqueza de recursos naturais, como alguns tipos de minérios e petróleo. Todavia, o grande problema é que a renda proporcionada pela exploração de tais recursos é concentrada nas mãos de elites que detêm o poder na região, o que acaba por gerar desigualdades com as regiões mais afastadas do centro do poder sendo marginalizadas e excluídas. Soma-se a isto o autoritarismo e/ou a ineficiência dos governos nos países na região, que além de não promoverem políticas que visem amenizar o problema da concentração de renda, acabam adotando medidas que a agravam, resultando em maior marginalização destas regiões e dos grupos étnicos que vivem nelas. Isso, por vezes, deteriora as já tensas disputas étnicas na região, que acabam, muitas vezes, transformando-se em conflitos armados.<sup>6</sup>

Os governos na região do Sahel, apesar de suas diferenças, compartilham algumas características comuns. Podemos perceber, como citado anteriormente, que os Estados nesta região são extremamente negligentes.

A negligência chega a tal ponto que o autor Gregory Mann<sup>7</sup> disserta sobre a “não-governabilidade” da região, em referência ao fato de as diversas Organizações Não-Governamentais (ONGs) que chegaram ao Sahel após a seca e fome de 1974 terem assumido, e desde então realizado, o papel que deveria ser do Estado (como o fornecimento de saúde, educação, construção de infraestrutura, etc.), sendo esta uma das formas pela qual as potências mundiais mantêm a hegemonia nessa faixa. Pode-se observar esta relação entre as ONGs e a população local na região oriental do Chade, onde, devido ao intenso fluxo de refugiados, há a presença de um número considerável de ONGs, além do apoio do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR).

As principais atividades econômicas realizadas no Sahel são o pastoreio e a agricultura, de característica nômade, decorrente das condições climáticas que dificultam a atividade sedentária. Durante a colonização, com a introdução do sistema de *plantations*, a construção de novas estra-

das e a “pacificação” intensificou a migração para esses novos polos econômicos. Além disso, os colonizadores tentaram limitar as atividades de pastoreio, já que não eram muito interessantes do ponto de vista econômico, através da cobrança de taxas e o estabelecimento de “corredores de pastoreio”. Porém, não conseguiram acabar com a prática, que há séculos determina as relações sociais e produtivas da região.<sup>8</sup>

Todavia, apesar da importância econômica dessas migrações para a sobrevivência dos nômades, tal atividade sempre foi menosprezada pelos governos centrais, principalmente devido à dificuldade de controle de tais grupos. Em razão dessa característica migratória que, principalmente após a independência dos países, assumiu um caráter transnacional, alguns autores os chamam de “migrantes marginais”. Tal negligência contribuiu para a utilização das redes comerciais estabelecidas por estes grupos para atividades ilegais, como o contrabando, o tráfico de drogas e de armas, o que levou a um aumento da criminalidade na região.<sup>9</sup>

Além disso, o aumento da criminalidade, aliado aos conflitos civis ocorridos nos países do Sahel, acabaram por aumentar a violência na região, o que, por sua vez, dificultou a atividade migratória, que também foi inibida por políticas governamentais de modernização que priorizavam a agricultura sedentária. Este contexto, acabou levando a disputas entre fazendeiros e pastores, que em muitos casos tornaram-se devido à negligência governamental. Esses conflitos elevaram as tensões étnicas e religiosas, já que fazendeiros e pastores, em alguns casos, pertencem a grupos étnicos diferentes, como ocorre no Delta do Rio Níger, no Mali, e na região de Darfur, no Sudão.<sup>10</sup>

Toda essa conjuntura de negligência dos governos, disputa por recursos e aumento da criminalidade tem outras duas consequências: o deslocamento de refugiados e o estabelecimento de grupos armados na região. Estes grupos se aproveitam da marginalização do Sahel para conseguir uma fonte de recrutamento e expandir-se com maior facilidade, além de contarem com o benefício financeiro proporcionado pelo contrabando e pelo tráfico na região.<sup>11</sup>

## OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS NA REGIÃO DO SAHEL

Os fatores tratados anteriormente, que englobam a ineficiência da condução governamental, o autoritarismo e a ausência de infraestrutura, culminam no desaparecimento do poder público na quase totalidade dos países, abrindo espaço para outras instituições ocuparem esses vácuos de poder e influência, além da ascensão de vertentes religiosas extremistas. Esse quadro político caótico favoreceu o crescimento do tráfico ilegal de produtos, drogas, armas, e também a migração ilegal, facilitada pela extensa e complexa rede

criminoso existente nessas áreas, que geraria 3,8 bilhões de dólares por ano. A ineficiência governamental também interfere diretamente no poder do Estado de prover a segurança alimentar, causa de intensa migração doméstica e internacional na África Saheliana. Os países dessa região sofrem com a falta de abastecimento de alimentos básicos o que provoca intensos fluxos migratórios em busca da sobrevivência.<sup>12</sup>

Além do fator político, o clima também tem importante peso para o quadro migratório na região do Sahel. As mudanças ambientais que ocorrem em todo o mundo interferem similarmente na regularidade natural dessa região, prejudicando de forma direta a subsistência dos povos que dependem muito dos recursos naturais. A instabilidade natural somada à ausência de apoio governamental piora os índices de fome e aumenta os conflitos que já existiam por fatores históricos e espaciais. Como já foi citado, o conflito de maior destaque nas pesquisas é a disputa entre pastores e agricultores, que aproveitam das nuances políticas para reivindicar terras e recursos naturais.

Os conflitos são intensificados pela justaposição de sociedades distintas na área do Sahel, e pela deficiência governamental para resolver estas questões de maneira diplomática, o que aumenta a violência das disputas.<sup>13</sup>

Os problemas socioeconômicos, políticos, climáticos, dentre outros, conferem um terreno propício para a popularização de rotas migratórias com destino a Europa. Aqueles que percorrem esses trajetos o fazem de maneira ilegal, normalmente com o auxílio de contrabandistas, que cobram caro pelo transporte, muitas vezes realizado sob péssimas condições e em muitos casos violando os direitos humanos. Os caminhos do Mediterrâneo Central obtiveram um aumento muito expressivo a partir do ano de 2013, com mais de 300.000 pessoas chegando à Europa desde o final daquele ano, apesar de serem os mais perigosos no deslocamento Saara-Sahel. A permeabilidade das fronteiras da Líbia e a implementação do acordo migratório entre União Europeia (UE) e Turquia, cujo objetivo era conter o fluxo de refugiados rumo à Europa por meio da obstrução das rotas do Meridiano Oriental, contribuíram para o deslocamento desse fluxo para o Mediterrâneo Central.<sup>14</sup>

Todavia, muitos refugiados também vão em direção aos países que fazem fronteira com seus países de origem, suscitando outros conflitos. Isso porque, com a intervenção do ACNUR e o estabelecimento de campos de refugiados, percebeu-se o aumento da tensão entre a população local e os refugiados devido à disputa entre esses grupos pelos recursos básicos da região (água, fontes de alimentação, etc.) e pelo espaço ocupado pelos campos, que estão localizados em áreas utilizadas



Campo de refugiados de Mentao em Burkina Faso

pelos pastores locais.<sup>15</sup>

Cabe aos Estados a responsabilidade de guardar suas fronteiras nacionais e decidir sobre abri-las ou fechá-las para comércio e intercâmbios, além de garantir sua segurança. Contudo, como consequência da partilha da África ocorrida no fim do século XIX, a delimitação das fronteiras dos países que compõem o Sahel, assim como outras do continente africano, não respeitou a distribuição dos povos que já habitavam o território antes da colonização. Dessa maneira, elas funcionam para a população de uma forma diferente daquela proposta pelos seus governos, são usadas como áreas transnacionais, empregadas como um caminho para driblar as dificuldades naturais e a má gestão do Estado.<sup>16</sup>

Em vista disso, quando a mobilidade de certo grupo é necessária, seja porque este grupo foi fragmentado por conta de divisões fronteiriças, seja por um fator cultural, como o nomadismo, ou por fatores climáticos, as delimitações políticas e econômicas adquirem menos importância para esses povos. De fato, as fronteiras devem atender aos requerimentos exigidos pelo Estado, como a segurança, mas também é necessário que haja uma flexibilidade para sua população, através de regulamentos que sejam aplicados de forma eficiente, visto que os movimentos migratórios que tinham e têm como prerrogativas as condições naturais e de sobrevivência daqueles povos, ocorrem antes mesmo da colonização.<sup>17</sup>

A região do Sahel despertou interesses geopolíticos da Europa desde o início do período de independência dos países que a compõem. Atualmente, o desejo de securitização dessa área vem aumentando devido a constante e intensa instabilidade, caracterizada pelo aumento de imigrantes que vão

para a Europa. Na realidade, para que algo seja transformado em um problema de segurança é preciso considerar a percepção dos atores funcionais, “a coletividade que legitima, ou não, a securitização de um determinado tema”, além das consequências esperadas; sendo algo subjetivo que necessita da análise da imersão social, geográfica e histórica.<sup>18</sup>

Assim, a securitização da região do Sahel levou a um aumento da militarização da área por parte da UE e à criação de fundos, como o Fundo Fiduciário de Emergência da UE para a África (EUTF), visando minimizar as causas das migrações diretamente nos países de origem e prover segurança nas fronteiras dos países de trânsito. Porém, apesar da proposta ser interessante para ambos os lados, o desejo das nações africanas de passarem de um estado humanitário para outro de desenvolvimento e investimento está tornando-as cada vez mais dependentes dessa fonte e aumentando as intervenções nos Estados em diferentes níveis. Tais intervenções, quando não são voltadas para a segurança dos investimentos, procuram resolver de forma rápida as migrações, independentemente de suas consequências.<sup>19</sup>

Destarte, o aumento da securitização na região do Sahel torna as condições de migração mais precárias. Com o processo de intervenção nos países setentrionais, os movimentos populacionais ilegais aumentam, o *status quo* adquirido por tais intervenções, devido a ajuda militar estrangeira, transcende uma falsa noção de segurança, removendo a urgência dos problemas políticos, o que pode vir a desenvolver, em um período posterior, revoltas violentas.<sup>20</sup>

É possível perceber, assim, um somatório de dificuldades encontradas

pela população do Sahel. Os fatores climáticos, sociais, políticos e econômicos intensificam os fluxos de migrantes, que quase em sua totalidade apresentam os mesmos objetivos, percorrem os mesmos caminhos e estão subjugados aos mesmos criminosos que detém grande poder e influência em regiões onde a presença do Estado é precária. Isso vem a desenvolver uma situação de caos populacional nos países de origem e nos de destino, devido à intensa chegada de imigrantes e a sua concentração em determinados lugares, além de alimentar as redes criminosas da região.

### **CONFLITOS REGIONAIS, INSTABILIDADE, VIOLÊNCIA E GRUPOS ARMADOS**

Segundo Maria Souza Galito<sup>21</sup>, os Estados independentes africanos concentraram seu controle militar e administrativo nas capitais, de modo que o restante do território é administrado de forma negligenciada. Na região norte da África, onde se encontram os países que compõem o Sahel, há o grande problema de povoamento, com alguns aglomerados populacionais espalhados pelo território dos países, que somados a baixa supervisão estatal nas áreas periféricas (longe da capital), dá grande abertura para que o crime organizado, o tráfico e o terrorismo ganhem espaço e sejam cada vez mais recorrentes. Outro problema enfrentado pelos países africanos e principalmente os países do Sahel, é a grande corrupção dos governos, o que gera revolta entre a população e facilita o recrutamento de membros para os grupos terroristas, que usam do discurso de anticorrupção para conquistar mais apoio.

No que se refere aos conflitos étnicos, cada país possui a sua realidade em

questão. Na Nigéria, há uma disputa por maior representação de cada grupo no governo e por controle dos recursos nacionais, sendo essa uma disputa política. Já na Mauritânia, o problema é mais político-social que étnico, pois no território habitam os árabes berberes, muçulmanos, que se dividem em mouros brancos e negros e há ainda o grupo étnico islamizado denominado Wolof. No país há uma discriminação baseada na cor da pele e as leis contra o escravismo não são respeitadas em algumas regiões. Na Líbia, os líderes das tribos aproveitam-se da grande instabilidade política para fazer ataques terroristas e investir no tráfico de drogas. A maioria das drogas ilícitas parte da América Latina, atravessa as rotas do Sahel e chega até à Europa ou ao Oriente Médio.<sup>22</sup>

Outro fator que justifica a instabilidade e os conflitos no Sahel é a questão climática. Como foi visto, o Sahel é palco do conflito entre agricultores

e pastores na região do Delta do Níger, próxima ao rio Níger, que corre nos países da Guiné, Burkina Faso, Mali, Benin, Níger e Nigéria.<sup>23</sup> O rio é de grande importância para a agricultura, entretanto, a seca que assolou a região do Sahel nas décadas de 1970 e 1980 fez com que o rio tivesse suas águas reduzidas a um nível consideravelmente baixo. Fala-se, então, que essa alteração climática foi o principal motivo para a intensificação do conflito entre os pastores e agricultores. No Mali, o discurso é de que o declínio dos níveis de água leva a menos terras férteis disponíveis, gerando uma competição pelo uso dessas terras.<sup>24</sup>

No entanto, de acordo com alguns autores<sup>25</sup>, a crença de que as mudanças climáticas geram conflitos e violência é a continuação da versão malthusiana de que a escassez de recursos geram a pobreza e a disputa por esses recursos. Os mesmos indicam que na Corte Regional de Séva-

ré, 83% dos processos judiciais são sobre a agricultura. Não obstante, os conflitos entre pastores e agricultores são apenas 12% dos casos. Os principais motivos para esses conflitos seriam políticos e econômicos, pela grande falha do sistema judicial que beneficia aos agricultores em detrimento do pastoreio, a descentralização da região que causou um enorme vácuo político, focando a administração apenas nas capitais, levando a adoção de estratégias oportunistas por parte dos agentes rurais e a corrupção por parte de atores governamentais, que enfraquece a confiança da população rural no sistema político e na sua disposição para a resolução dos conflitos. De modo que esse enfraquecimento da confiança no governo condiciona alguns agentes a agirem sozinhos, usando de violência para obter seus recursos.

De forma geral, o Sahel é composto por países considerados frágeis, que possuem dificuldades para erradicar

PAIS	PROBLEMA	GRUPOS ARMADOS ATUANTES
Burkina Faso	Fraca segurança com a fronteira do Mali, facilitando a entrada de insurgentes.	ISGS - Estado Islâmico no Grande Saara; Ansarul Islam; AQIM - Al-Qaeda no Magreb Islâmico.
Chade	Acusado de financiar grupos rebeldes no Sudão.	AN - Aliança Nacional; JEM - Movimento para a Justiça e Igualdade; UFDD - União de Forças para a Democracia e o Desenvolvimento; FUC - Frente Nacional pela Mudança Democrática.
Etiópia	Conflito entre os povos Somali e Oromo.	Al Shabaab; SIF - Frente Islâmica da Somália; ONLF - Frente de Libertação Nacional do Ogaden; ARDUF - Frente Unida Democrática e Revolucionária pelo Povo Afar; CUD - Coligação pela Unidade e pela Democracia; AEUP - Partido da Unidade Pan-Etiópe.
Eritreia	Instabilidade diante de tensões na fronteira com a Etiópia.	DMLEK - Movimento Democrático pela Libertação das Kumanas Eritréias; RSADO - Organização Democrática Afar do Mar Vermelho.
Mali	Conflitos entre os Tuaregues e o governo. Contrabandos diversos nas áreas fronteiriças.	AD 23 Maio - Aliança Democrática de 23 de Maio; AQIM - Al-Qaeda no Magreb Islâmico; Tuaregues; ISGS - Estado Islâmico no Grande Saara; Ansar Dine - Defensores da Fé; JNIM - Grupo de Apoio ao Islã e Muçulmanos; Tuaregues; GSPC - Grupo Salafistas para Pregar e Lutar.
Mauritânia	Pouca legitimidade do Estado e das Forças de Segurança e recorrentes golpes de Estado.	GSPC - Grupo Salafistas para Pregar e Lutar.
Nigéria	Disputa por recursos naturais, principalmente o Petróleo. Rivalidade entre etnias.	Boko Haram; NDLF - Força de Libertação do Delta do Niger; Tuaregues; MEND - Movimento pela Emancipação do Delta do Niger; JRC - Conselho Revolucionário Unido; NDPVF - Força Voluntária do Povo do Delta do Niger; NDV - Vigilantes do Delta do Niger.
Niger	Comércio clandestino de armas e instabilidade política.	Al-Qaeda; Boko Haram; Al-Mourabitoun - Os Sentinelas; MNJ - Movimento do Povo da Nigéria pela Justiça; ISGS - Estado Islâmico no Grande Saara; Tuaregues.
Senegal	Forças que almejam a independência da região de Casamansa. Tensões regionais e étnicas.	MDFC: Movimento das Forças Democráticas de Casamansa.
Sudão	Disputas nas fronteiras e por recursos naturais. Conflito étnico.	SLM - Movimento de Libertação do Sudão; JEM - Movimento para a Justiça e Igualdade; LRA - Exército de Resistência do Senhor; NRF - Frente de Redenção Nacional; Janjaweed; SPLA - Exército de Libertação do Povo do Sudão.

a violência, o que abre espaço para a atuação de grupos terroristas. Sobre o terrorismo, Galito<sup>26</sup> expõe que, na região do Sahel, ele pode ter um caráter mais nacionalista que se relaciona com o separatismo, ou pode existir por forte descontentamento ideológico, econômico ou cultural. Dessa maneira, não há união entre os grupos terroristas que atuam na região, pois o instrumento e as razões políticas desses grupos se diferem entre as zonas do Sahel ou até mesmo porque esses grupos possuem interesses relacionados aos recursos naturais e não pretendem dividir sua exploração.

No que se refere à atuação de grupos terroristas, a região do Sudão e da Nigéria se mostram mais preocupantes. Alguns dos principais grupos que atuam no Sahel são a Al-Qaeda, a Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQIM)<sup>27</sup> e o Boko Haram.

A AQIM foi criada em 1998, na Argélia, sob o nome de Grupo Salafista de Pregação e Combate (GSPC)<sup>29</sup>. Posteriormente, em 2007, devido sua fusão com a Al Qaeda ocorrida no ano anterior, o nome foi modificado. Além da região do Sahel, o grupo também é ativo no Norte da África.<sup>30</sup> O grupo organiza atos terroristas nos países do Sahel, tais como Níger, Mali e Mauritânia, tendo como alvo militares do exército, organizações não governamentais, escolas, civis, membros do governo e propriedades privadas.<sup>31</sup>

O Boko Haram é um grupo fundamentalista islâmico que promove a lei da Sharia e nega a educação ocidental. O grupo age principalmente na Nigéria contra elementos do governo central, escolas, polícia, civis e contra a propriedade privada.<sup>32</sup>

Além dos grupos supracitados, no Sahel ainda atuam muitas outras organizações de teor terrorista. Um

exemplo é a Aliança Democrática (AD 23 Maio) que é um grupo rebelde que atua principalmente no Mali atacando civis e é dissidente entre os tuaregues, povo nômade mais numeroso no Níger, no Mali e em Burkina Faso, mas que também vive em menor número em países como Argélia, Líbia e Mauritânia e em outros países do norte da África.<sup>33 34</sup> O grupo Al Shabaab, apesar de atuar majoritariamente na Somália, também faz ataques na Etiópia por conta das fronteiras porosas, atacando militares e agentes de ONGs.<sup>35</sup>

Os Tuaregues são berberes seminômades de maioria muçulmana dedicados ao pastoreio. Mesmo sendo considerado um povo pacífico, uma parcela tuaregue se dedica a assassinatos e sequestro de turistas no Níger, na Nigéria e no Mali. São sustentados pelo tráfico de armas e drogas.<sup>36</sup>

A região do Delta do Níger (sul da Nigéria) é rica em petróleo e a exploração intensiva desse recurso natural causou fortes emissões de dióxido de carbono e chuvas ácidas, poluindo a fauna e a flora da região. Assim, os grupos armados atuantes no Delta realizam atos terroristas para se opor a essas práticas, amedrontar as multinacionais e pressionar o governo para que faça a repartição dos lucros provenientes do petróleo. Grande parte de seus militantes foram membros do exército. O grupo Vigilantes do Delta do Níger (NDV) é o principal grupo armado atuante nesta região desde 2003.<sup>37</sup>

## O G5 DO SAHEL

O Grupo dos Cinco do Sahel ou G5 Sahel (G5S), é um grupo institucional formado por Burkina Faso, Chade, Mali, Mauritânia e Níger, cujo principal objetivo é a cooperação regional para a criação de políticas

direcionadas ao desenvolvimento e à questões de segurança nesses países. O G5 Sahel surgiu oficialmente em 16 de Fevereiro de 2014 em Nouakchott, capital da Mauritânia, onde possui sua sede permanente. Em 19 de dezembro do mesmo ano, os países adotaram sua Convenção de Estabelecimento abrangendo questões políticas e econômicas visando criar melhores condições para a governança em seus territórios.<sup>38</sup>

Atualmente, a principal preocupação do G5 Sahel é a criação de políticas conjuntas e ações para o combate de grupos armados e grupos rebeldes jihadistas que atuam em seus territórios, bem como a contenção dos efeitos desses grupos em suas sociedades, como o deslocamento interno e transnacional de pessoas, terrorismo, criminalidade, tráfico, etc.<sup>39</sup> Outra temática fundamental abordada pelo G5S são as ações tomadas pelos Estados que buscam restaurar o controle dos mesmos em zonas tomadas por grupos rebeldes, além do controle de espaços transfronteiriços, pois devido à porosidade e à baixa fiscalização das fronteiras entre esses países, grupos jihadistas ou criminosos atuam de maneira livre.<sup>40</sup> O G5 Sahel é a primeira organização africana baseada em uma abordagem abrangente para a resolução de problemas de segurança, combinando-a com desenvolvimento.<sup>41</sup> Principalmente no que se refere à imigração de pessoas e ao terrorismo, temas classificados como problemas internacionais, há uma grande preocupação da comunidade internacional, em especial dos países europeus, o que faz com que a UE seja um dos principais parceiros do G5.

## O G5S E A UNIÃO EUROPEIA

Como os conflitos que assolam a região do Sahel desencadearam uma



Anúncio da reunião de Chefes de Estado do G5-Sahel em Niamey (Niger)

enorme onda migratória para os países da Europa, a UE enxerga no G5 Sahel um perfeito aliado na contenção desse enorme fluxo migratório e no combate ao terrorismo.

Em março de 2011, a UE adotou como enfoque absoluto a região do Sahel, tomando como princípio norteador a Estratégia Europeia para a Segurança e o Desenvolvimento (Estratégia do Sahel), abrangendo os níveis individuais e coletivos, para a ajuda nos países da região. Inicialmente, a estratégia abrangia apenas três países: Mali, Mauritânia e Níger, posteriormente, em março de 2014, se estendeu para Burkina Faso e Chade. No ano seguinte, os ministros de Assuntos Exteriores da UE elaboraram uma nova estratégia, o Plano de Ação Regional (PAR), estabelecendo assim quatro principais desafios: o primeiro seria a prevenção e luta contra a radicalização; o segundo a criação de condições apropriadas para juventude; o terceiro, referente à migração e mobilidade e, o quarto, a gestão de fronteiras, a luta contra o tráfico ilegal e o crime organizado transnacional.<sup>42</sup>

A soma desses desafios juntamente com o grande interesse da União Europeia de que o grupo do G5 do Sahel funcione de forma exitosa, para que assim o intenso fluxo de migrantes seja barrado, faz com que a UE se relacione cada vez mais com o grupo, fazendo diversos planejamentos e desenvolvendo grandes projetos como a criação de uma Escola Regional de Guerra para o G5, na Mauritânia, ou a construção de uma linha férrea ligando o Chade à Mauritânia. Embora esses projetos não tenham obtido êxito, devido às complicações dos cenários de conflitos nos países membros, ainda assim outros projetos tiveram avanço como a criação da Força Conjunta do G5 do Sahel e da sua Comissão de Defesa e Segurança. Com essas interações o G5 torna-se o interlocutor privilegiado da União Europeia fazendo com que haja uma análise convergente dos desafios da região e que os interesses de ambos os grupos sejam desenvolvidos.<sup>43</sup>

### A FORÇA MILITAR CONJUNTA

A Força Conjunta do G5 do Sah-

el (FC – G5S) baseia-se na criação de um exército conjunto dos países membros, que contará com soldados e policiais distribuídos em batalhões que realizarão as ações decididas pela Comissão de Defesa e Segurança. O compartilhamento de recursos entre as forças armadas dos países membros é essencial para a realização dos objetivos de combate ao terrorismo na região. Por isso, a Comissão se baseia no conceito da UE de Mutualização ou *Pooling and Sharing*, que consiste em iniciativas e projetos dedicados a aumentar a colaboração no que se refere às capacidades militares.<sup>44</sup> Neste caso, os países trocam informações sobre a atuação dos grupos jihadistas de forma ampla entre si, criando assim uma base de atuação coordenada entre eles.<sup>45</sup>

Essa política de troca de informações não se restringe apenas aos Estados membros do G5, mas também se busca cooperar com as operações internacionais dentro dos países, como a Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização no Mali<sup>46</sup> (MINUSMA) e a Operação Barkhane<sup>47</sup>. Essa troca de informações entre a FC-G5S e as operações internacionais criam uma base mais sólida para a atuação e desenvolvimento de políticas efetivas, como a criação de regras claras de confronto para combater o terrorismo, tráfico de drogas e imigração ilegal.<sup>48</sup>

A Parceria Militar para a Cooperação Transfronteiriça (PMCT), atualizada em 2015, realizou um balanço das ações do G5, no qual consta “um roteiro compartilhado, atualizado, vivo e sempre seguido; 14 operações conjuntas e transfronteiriças previstas e planejadas; 9 operações conjuntas conduzidas com conhecimentos compartilhados; e, 11 comitês operacionais de coordenação organizados”.<sup>49</sup>

O exército conjunto do G5 Sahel possui ações previstas, principalmente, para a fiscalização e controle das fronteiras comuns entre os países. Além disso, muitos dos países que fazem parte do grupo possuem soldados nas operações de paz da ONU, como é o caso da MINUSMA, em que 35% de suas tropas são oriundas de países membros do G5S. Embora em um primeiro momento isso possa parecer um ponto positivo, as dificuldades e diferenças são vistas em campo, pois muitos dos soldados possuem formações completamente diferentes uns dos outros, o que leva a um choque durante as operações. Enquanto alguns possuem uma vasta experiência em conflitos anteriores, como o caso de militares oriundos do Chade, outros possuem pouco conhecimento, como os militares de Burkina Faso, que ainda passam por reformas no setor militar.<sup>50</sup>

Outra questão envolvida refere-se ao financiamento e ao envio de soldados, isso porque os países membros do G5S não possuem um vasto exército e nem meios para mantê-lo. Com isso, contribuições financeiras vindas da ONU por conta do envio de soldados às operações de paz, representam uma grande ajuda no fluxo de caixa para os Ministérios da Defesa dos países do G5 do Sahel. Isso acarreta uma dualidade aos países sócios do G5S: manter suas tropas nas operações de paz, a MINUSMA no caso, e conservar os benefícios associados ONU enquanto faltam tropas para proteger os próprios territórios; ou repatriar essas forças, correndo o risco de perder uma fonte de renda e criar tensões dentro de suas forças armadas. Por isso, embora seja difícil, uma maior aproximação da ONU e de suas operações de paz, no que se refere ao financiamento, e discutir novas táticas de mobilização e gestão de recursos é um fator importante.<sup>51</sup>



Secretário-Geral da ONU António Guterres é recebido pelo Comandante da Força Conjunta do G5 Sahel e oficiais das Forças Armadas do Mali

## O FINANCIAMENTO DO G5S

Apesar de constar na Convenção de Estabelecimento que os países membros do G5 do Sahel possuem a responsabilidade primordial de proporcionar ao grupo os recursos adequados, a realidade econômica desses países ainda está muito distante de oferecer um pleno financiamento para as ações do FC-G5S, estimadas em 423 milhões de euros em fevereiro de 2017. Embora a UE tenha se comprometido a duplicar sua colaboração inicial de 50 milhões de euros e cada país membro do G5 Sahel esteja disposto a investir 10 milhões de euros, a dificuldade de captação de recursos e a distribuição de forma efetiva entre os setores que devem compor as ações do G5 é um desafio a ser superado.<sup>52</sup>

Em uma reunião em julho de 2017, a França, principal parceira do grupo dentro da Europa, se comprometeu a fornecer materiais e logística equivalentes a 8 milhões de euros antes do final do ano, incluindo 70 veículos e equipamentos táticos de comunicações e proteção.<sup>53</sup>

O financiamento de suas ações sempre foi um grande desafio a ser superado pelo G5 do Sahel, bem como a solução dos inúmeros conflitos e questões que a região possui, no entanto, o grupo é pioneiro no quesito, ao tentar englobar todos os desafios de sua região e buscar soluções inovadoras em um terreno profundamente marcado pela violência e subdesenvolvimento.

## CONCLUSÃO

Como pode-se constatar, a estabilização da região constitui um desafio tremendo, considerando as raízes sociais e políticas destes conflitos e a situação precária das Forças Armadas de boa parte dos países na região. Além dos problemas citados, há também o agravante financeiro, já que os orçamentos dos países envolvidos tem uma enorme dificuldade de sustentar uma força conjunta de tamanha proporção, mesmo com a ajuda externa oferecida. Assim, percebe-se as enormes dificuldades impostas para a estabilização de uma região como o Sahel, que apesar da e devido à marginalização histórica, constitui uma grande ameaça à segurança e à estabilidade,

não só dos países do Sahel, como também de seus vizinhos e, dada as devidas proporções, da própria Europa.

Fica claro que grande parte dos problemas giram em torno da má gestão dos governos, que são incapazes de lidar com problemas como a concentração de renda e a

insegurança alimentar, fatores que têm uma significativa influência no surgimento de grupos armados e grupos jihadistas.

Portanto, o enfrentamento do problema dos grupos armados a partir de uma ótica regional que compreende que a dinâmica desses grupos não

respeita fronteiras é indubitavelmente elogiável, todavia, a ineficiência e a falta de vontade dos governos para lidar com seus problemas internos torna impraticável a neutralização dos grupos armados e dos grupos jihadistas, já que eles se aproveitam da ausência governamental para se fortalecerem.

<sup>1</sup> Discentes do Curso de Relações Internacionais da UNESP – Campus de Marília/SP e membros do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Conflitos Internacionais (GEPCI) e do Observatório de Conflitos Internacionais (OCI).

<sup>2</sup> ZOUBIR, Yahia H. Security Challenges, Migration, Instability and Violent Extremism in the Sahel. *IEMed Mediterranean Yearbook 2017*. Barcelona, p. 134-140, 2017. Disponível em: <[http://www.iemed.org/observatori/arees-danalisi/arxiu-adjunts/anuari/med.2017/IEMed\\_MedYearbook2017\\_sahel\\_security\\_migration\\_Zoubir.pdf](http://www.iemed.org/observatori/arees-danalisi/arxiu-adjunts/anuari/med.2017/IEMed_MedYearbook2017_sahel_security_migration_Zoubir.pdf)>. Acesso em: 09 jun. 2018.

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. *Sahel*, Jan. 2014. Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/Sahel>>. Acesso em: 09 jun. 2018.

<sup>5</sup> Fonte: Público. 2017. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2017/02/07/mundo/entrevista/o-sahel-concentra-todas-as-cries-do-mundo-1761024>>. Acesso em: 09 jun. 2018.

<sup>6</sup> ZOUBIR, op. cit.

<sup>7</sup> MANN, Gregory. From Empires to NGOs in the West African Sahel: An Introduction. *Humanity: An International Journal of Human Rights, Humanitarianism, and Development*, v. 6, n. 2, p. 287-297, 2015.

<sup>8</sup> BRUIJN, Mirjam de. Mobility and Society in the Sahel: An Exploration of Mobile Margins and Global Governance. In: HAHN, Hans Peter; KLUTE, Georg (Orgs). *Cultures of migration: African perspectives*. Münster: LIT Verlag, 2007. p. 109-128.

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> BENJAMINSEN, Tor A et al. Does climate change drive land-use conflicts in the Sahel? *Journal of Peace Research*, v. 49, n. 1, p. 97-111, 2012.

<sup>11</sup> ZOUBIR, op. cit.

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> BENJAMINSEN, op. cit.

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> LUIGI, Ricardo. A Insegurança Regional e o Conflito na Região de Darfur. *Revista Intellector*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 1-10, 2008. Disponível em: <<http://www.revistaintellector.cenegri.org.br/ed2008-08/ricardoluiigi2008.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2018.

<sup>16</sup> BASSOU, Abdelhak. State, Borders and Territory in the Sahel: The case of the G5 Sahel. *Policy Brief*. out. 2017. 9 p. Disponível em: <<http://www.ocppc.ma/publications/state-borders-and-territory-sahel-case-g5-sahel>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> OLIVEIRA, Guilherme Ziebell de; CARDOSO, Nilton César Fernandes. *Renascimento e Securitização da África no Século XXI*. In: Congresso Latinoamericano de Ciência Política, VIII, 2015, Peru. 17 p. Disponível em: <<http://files.pucp.edu.pe/sistema-ponencias/wp-content/uploads/2015/01/OLIVEIRA-CARDOSO.-RENAASCIMENTO-E-SECURITIZACAO-C3%87C3%83O-DA-C3%81FRICA-NO-S%89CULO-XXI.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

<sup>19</sup> URSU, Anca-Elena; DAVITTI, Daria. Why Securitising the Sahel Will Not Stop Migration. University of Nottingham. *FMU Policy Brief*: 10 jan 2018. 5 p. Disponível em: <<https://www.clingendael.org/publication/why-securitising-sahel-will-not-stop-migration>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

<sup>20</sup> Idem.

<sup>21</sup> GALITO, Maria Sousa. Terrorismo, etnicidade e extremismo islâmico no Sahel. *JANUS.NET e-journal of International Relations*, vol. 3, n. 2, p. 149-162, 2012. Disponível em: <[http://observare.ual.pt/janus.net/images/stories/PDF/vol3\\_n2/pt/pt\\_vol3\\_n2\\_art8.pdf](http://observare.ual.pt/janus.net/images/stories/PDF/vol3_n2/pt/pt_vol3_n2_art8.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2018.

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> BENJAMINSEN, op. cit.

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> GALITO, Maria Sousa. *Terrorismo na região do Sahel*. Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento. 2013. Disponível em: <[https://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/files/Doc\\_trabalho/WP118.pdf](https://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/files/Doc_trabalho/WP118.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2018.

<sup>27</sup> *Al-Qaeda in the Islamic Maghreb*, em inglês.

<sup>28</sup> CTC. *Ansarul Islam and the Growing Terrorist Insurgency in Burkina Faso*. Disponível em: <<https://ctc.usma.edu/ansarul-islam-growing-terrorist-insurgency-burkina-faso/>>. DUARTE, Geraldine Rosas. *Crise no Mali: as origens do conflito e os entraves para a resolução*. *Conjuntura internacional*, v. 10, n. 1, p. 7-14, 2013. Disponível em: <<http://200.229.32.55/index.php/conjuntura/article/view/5256/5220>>. IRIN. *Shifting relationships, growing threats: Who's who of insurgent groups in the Sahel*. Disponível em: <<https://www.irinnews>>.

org/analysis/2018/02/19/shifting-relationships-growing-threats-who-s-who-insurgent-groups-sahel>. JOURDE, Cédric. *Resumo de segurança de África: Dissecar as Camadas de Instabilidade no Sahel: o Caso da Mauritânia*. Disponível em: <<https://africacenter.org/wp-content/uploads/2016/06/ASB15PT-Dissecar-as-Camadas-de-Instabilidade-no-Sahel-o-Caso-da-Maurit%C3%A2nia.pdf>>. NEXO. *Como funciona o 'G5 do Sahel', a aposta africana para combater o terror*. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/12/15/Como-funciona-o-%E2%80%98G5-do-Sahel%E2%80%99-a-aposta-africana-para-combater-o-terror>>. Acessos em 22 Jun. 2018. GALITO, op. cit.

<sup>29</sup> *Groupe Salafiste pour la Prédication et le Combat*, em francês.

<sup>30</sup> CHAUZAL, G.; VAN DAMME, T. (Hague). Netherlands Institute of International Relations Clingendael. *The roots of Mali's conflict: Moving beyond the 2012 crisis*. 2015. Conflict Research Unit. Disponível em: <[https://www.clingendael.org/sites/default/files/pdfs/The\\_roots\\_of\\_Malis\\_conflict.pdf](https://www.clingendael.org/sites/default/files/pdfs/The_roots_of_Malis_conflict.pdf)>. Acesso em: 13 jun. 2018.

<sup>31</sup> GALITO, 2013, op. cit.

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> KEITA, K. *Conflict and Conflict Resolution in the Sahel: The Tuareg Insurgency in Mali*. Strategic Studies Institute, U.S. Army War College, Carlisle, p. 1-46, 1998.

<sup>34</sup> GALITO, 2013, op. cit.

<sup>35</sup> Idem.

<sup>36</sup> Idem.

<sup>37</sup> Idem.

<sup>38</sup> SECRETARIAT PERMANENT DU G5 SAHEL. *LE G5 SAHEL*. 2015. Disponível em <<http://www.g5sahel.org/index.php/qui-sommes-nous/le-g5-sahel>>. Data de Acesso: 04 jun. 2018.

<sup>39</sup> \_\_\_\_\_. *LE G5 SAHEL*. Mot du Secrétaire permanent Mr Maman S. Sidikou. 2018. Disponível em <<http://www.g5sahel.org/index.php/documentations/discours/1287-mot-du-secretaire-permanent-sidikou>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

<sup>40</sup> Idem.

<sup>41</sup> TEBAS. Juan Alberto M. *G5 Sahel: La Fuerza [antiterrorista] Conjunta (FC-G5S)*. Instituto Español de Estudios Estratégicos. Jul. 2017, 17 p. Disponível em: <<http://www.ieee.es/publicaciones-new/documentos-de-analisis/2017/DIEEEA37-2017.html>>. Acesso em: 08 jun. de 2018.

<sup>42</sup> TEBAS, op. cit.

<sup>43</sup> Idem.

<sup>44</sup> EUROPEAN DEFENCE AGENCY. *EDAs Pooling & Sharing*. 2013. Disponível em: <[https://www.eda.europa.eu/docs/default-source/eda-factsheets/final-p-s\\_30012013\\_factsheet\\_cs5\\_gris](https://www.eda.europa.eu/docs/default-source/eda-factsheets/final-p-s_30012013_factsheet_cs5_gris)>. Acesso em: 13 jun. 2018.

<sup>45</sup> TEBAS, op. cit.

<sup>46</sup> *Mission Multidimensionnelle Intégrée des Nations Unies pour la Stabilisation au Mali*, em francês.

<sup>47</sup> A Operação Barkhane é uma operação militar conjunta da França com os cinco países do G5 do Sahel. A operação tem como objetivo o rastreamento de grupos terroristas armados nesses países, mas sua atuação é mais intensa no norte do Mali.

<sup>48</sup> TEBAS, op. cit.

<sup>49</sup> SECRETARIAT PERMANENT DU G5 SAHEL. *Agir Ensemble Pour Le Contrôle Des Espaces Frontaliers Au Sahel*. Disponível em: <[http://www.g5sahel.org/images/fichiers/20151125\\_BROCHURE-PMCT-V2.pdf](http://www.g5sahel.org/images/fichiers/20151125_BROCHURE-PMCT-V2.pdf)>. Data de Acesso: 05 jun. 2018.

<sup>50</sup> INTERNATIONAL CRISIS GROUP. *Finding the Right Role for the G5 Sahel Joint Force*. Bruxelas, Africa Report n°258, Dez. 2017. Disponível em: <<https://www.crisisgroup.org/africa/west-africa/burkina-faso/258-force-du-g5-sahel-trouver-sa-place-dans-lembouteillage-securitaire>>. Acesso em: 09 jun. 2018.

<sup>51</sup> Idem.

<sup>52</sup> TEBAS, op. cit.

<sup>53</sup> Idem.

Série Conflitos Internacionais é editada pelo Observatório de Conflitos Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP) - Campus de Marília - SP

Editor: Prof. Dr. Sérgio L. C. Aguiar  
Layout: Paula Schwambach Moizes  
ISSN: 2359-5809  
Comentários para: [oci@marilia.unesp.br](mailto:oci@marilia.unesp.br)  
Disponível em: [www.marilia.unesp.br/#oci](http://www.marilia.unesp.br/#oci)

Série Conflitos Internacionais mais recentes:

- Segurança e terrorismo na Europa V. 3, n. 4
- O conflito armado em Darfur - Sudão V. 3, n. 5
- A Somália e o Al Shabaab V. 3, n. 6
- A questão curda V. 4, n. 1
- O atual conflito no Sudão do Sul V. 4, n. 2
- O conflito na Costa do Marfim e as missões de paz da ONU V. 4, n. 3
- Afganistão: a continuidade do grande jogo V. 4, n. 4
- Mali: a operação de paz da ONU e a situação de segurança no país V. 5, n. 2